

**REDE INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS SOBRE A VIOLÊNCIA
CONSÓRCIO INTERINSTITUCIONAL EM ESTUDOS SOBRE A VIOLÊNCIAS**

PLANO DE TRABALHO

Teorias da violência na educação: formação de professores para atuar em situações de conflito

Prof. Dr. Amarildo Luiz Trevisan - UFSM

Resumo: Partindo da constatação divulgada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) de que o Brasil é campeão mundial de violência contra o professor (GOMES, 2015), o plano de trabalho ora apresentado visa a debater a necessidade da institucionalização de práticas dialógicas informadas como contraponto e prevenção à violência na educação. Para isso, trata de seus registros em arquivos e o imperativo de construir mediações pedagógicas no cruzamento das políticas educacionais e os aportes da filosofia da educação, com vistas a sua melhor compreensão e enfrentamento na convivência da relação educando e educador. O objetivo é oferecer subsídios à reflexão da formação de professores na perspectiva da biopolítica, que incide na prática pedagógica de educadores e estudantes das redes de ensino, no sentido de problematizar o significado da formação em tempos de exceção normalizadora e de incisiva presença da violência nas escolas. A proposta pretende adotar a metodologia de abordagem da hermenêutica reconstrutiva, a qual serviu de base para nossas pesquisas até o presente. Ela surge como reação à hermenêutica tradicional, dado que esta havia subsumido o lugar do outro na tradição, complementando-se através dos estudos da biopolítica. A abordagem enquadra-se no âmbito do objeto investigado, principalmente por levar em consideração o lugar do outro, algo negado no contexto ou na era da violência que estamos vivendo. A partir da análise de tais dificuldades, sugere-se uma reformulação da política educacional na perspectiva da biopolítica, no sentido de compreender e valorizar a memória sobre as questões da violência. Dessa forma, por um lado, ao elucidar supostos políticos, ideológicos e culturais das noções de arquivo da violência escolar, estaria contribuindo para auxiliar no autoesclarecimento pedagógico de educandos e educadores. Por outro, propicia um melhor clima de desenvolvimento socioemocional à relação professor e estudante no contexto da escola, auxiliando o Brasil a transcender os índices negativos de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Filosofia da educação; política educacional; práticas dialógicas; violência; memória.

REDE INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS SOBRE A VIOLÊNCIA CONSÓRCIO INTERINSTITUCIONAL EM ESTUDOS SOBRE A VIOLÊNCIAS

1. APRESENTAÇÃO

A aproximação dessa discussão com as temáticas da **Rede Interdisciplinar de Estudos sobre Violências – RIEV** parte do fato de que trabalho na pós-graduação em educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), vinculado à linha de formação de professores. Ao discutir o tema da violência nos últimos tempos percebi que algumas pesquisas apontam o Brasil como campeão mundial em violência contra o professor. Nesse sentido, percebo ser necessário investigar quem são os perpetradores da violência contra o professor, porque essa situação perdura em nosso contexto e de que forma a filosofia da educação e a política educacional poderiam fazer frente a esse problema. Desse modo, há uma aproximação das preocupações da RIEV com 2 projetos em andamento em nosso grupo de pesquisa GPFORMA – Grupo de Pesquisa Formação Cultural, Hermenêutica e Educação, os quais se perguntam sobre a possibilidade de adoção de práticas dialógicas informadas por arquivos, bem como a necessidade de repensar a formação de professores para enfrentar situações de conflito, com o intuito de fazer frente a tais demandas.

Por isso, o objetivo e a importância para a área de educação do Plano de Trabalho ora apresentado está ligado ao desenvolvimento de dois projetos de pesquisa no campo da filosofia da educação e das políticas de formação de professores, com financiamento de editais de pesquisa do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) que tratam sobre a violência na educação e as dificuldades encontradas, bem como os desafios dos seus enquadramentos na memória escolar, os quais se estendem pelo período de execução do presente plano de trabalho. Os projetos de pesquisa referenciados são: **“Arquivos da violência na educação: desafios para a relação entre violência, memória e linguagem”**, contemplado na Chamada CNPq Nº 09/2020 - Bolsas de Produtividade em Pesquisa - PQ – 1C, Processo

REDE INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS SOBRE A VIOLÊNCIA CONSÓRCIO INTERINSTITUCIONAL EM ESTUDOS SOBRE A VIOLÊNCIAS

CNPq nº 306987/2020-1, com tempo de vigência previsto de 01/03/2021 a 28/02/2025; e "***Teorias da violência na educação: formação de professores para atuar em situações de conflito***", contemplado na Chamada MCTIC/CNPq nº 28/2018 – Universal/Faixa C, Processo CNPq nº 425947/2018-1, com tempo de execução previsto de 18/02/2019 a 17/02/2025 (prorrogado pelo CNPq em função da pandemia da COVID-19).

Em termos metodológicos, a proposta pretende adotar a perspectiva da hermenêutica reconstrutiva (TREVISAN, 2000; DEVECHI & TREVISAN, 2010; 2011), a qual serviu de base para minhas pesquisas até o momento, em diálogo com aportes da biopolítica. Esta abordagem enquadra-se no âmbito do objeto investigado, principalmente, por levar em consideração o lugar do outro, algo negado no contexto ou estado de violência que estamos vivendo. O outro passa a ser, assim, a categoria central das pesquisas, e por isso essas investigações surgem como reação à hermenêutica tradicional, a qual vai de Schleiermacher, Dilthey e Heidegger e chega à hermenêutica filosófica em Gadamer, dado que essa havia subsumido o outro na tradição, complementando-se por meio dos estudos da Escola de Frankfurt (de Benjamin e Adorno, passando por Habermas até Honneth e Agamben), e escolas que debatem o tema da alteridade, da violência, da justiça e da tolerância, tendo como referência Levinas, Ricoeur, Arendt, Bernstein, Derrida, Butler e Freire.

A importância mais específica da discussão desse tema no plano de trabalho em curso para a área diz respeito ao fato de que esses episódios que vivenciamos atualmente estão eivados da cultura da violência, que representa um dos maiores e mais complexos problemas da sociedade contemporânea e, portanto, da educação - enquanto ação humana dela emergente. No Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2016 (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2016) consta que o Brasil registrou mais vítimas de mortes violentas intencionais (ou pessoas assassinadas) em cinco (5) anos do que a Guerra na Síria. Considero pertinente no estado em que nos

REDE INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS SOBRE A VIOLÊNCIA CONSÓRCIO INTERINSTITUCIONAL EM ESTUDOS SOBRE A VIOLÊNCIAS

encontramos, de uma verdadeira guerra civil não declarada em nossa sociedade, questionar se as escolas, como lugares que poderiam colaborar para a construção de uma cultura da não violência, dispõem, ou poderiam dispor de subsídios reflexivos sobre as noções de violência em arquivos¹.

Tais repositórios poderiam reunir narrativas sobre essas ocorrências para além das anotações das atas, uma vez que, de acordo com pesquisa divulgada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o Brasil é campeão mundial de violência contra o professor (GOMES, 2015). A noção de arquivo, aqui, não advém somente do conceito técnico da arquivologia, mas na direção teórica da hermenêutica, enquanto documento pertinente a provocar uma questão teórica. Tal é o que pretendo discutir nessa etapa da pesquisa, a partir do referencial teórico da biopolítica (Benjamin-Agamben). A ideia vai ao encontro do que defende um outro grande pensador francês, Michel Pêcheux (1997, 1999), considerado o fundador da Análise do Discurso, o qual propõe que o estudo do arquivo deveria constituir uma tarefa interdisciplinar entre ciência e humanidades.

Uma pesquisa dessa natureza, preocupada com a violência escolar, constitui-se como um conhecimento interdisciplinar por excelência. A reflexão filosófica sobre a violência com o estudo da lógica do pensar, com a reflexão sobre a ética e os valores da convivência e com a sua visão de totalidade, contribui para o incremento da interpretação e para enriquecer o universo da convivência humana. E, assim, pode atrair as outras áreas para o incremento das pesquisas da ciência básica. Afinal, a ciência moderna soube muito bem dividir o conhecimento, mas não soube como juntá-lo num todo harmônico. Por isso a dificuldade em trabalhar com a interdisciplinaridade ou transversalidade, uma vez que para isso temos que sair dos casulos ou das zonas de conforto

¹ Para Charlot (2002), a violência na escola não pode se reduzir à violência física (que inclui golpes, ferimentos, roubos, crimes e vandalismos, e sexual), mas também envolve as questões relacionadas às incivildades (humilhações, palavras grosseiras e falta de respeito) e, ainda, à violência simbólica ou institucional (compreendida, entre outras coisas, como desprazer no ensino, por parte dos alunos, e negação da identidade e da satisfação profissional, por parte dos professores).

REDE INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS SOBRE A VIOLÊNCIA CONSÓRCIO INTERINSTITUCIONAL EM ESTUDOS SOBRE A VIOLÊNCIAS

habituais criadas nas diferentes áreas e subáreas do conhecimento. É da índole da filosofia da educação auxiliar os educandos e educadores na autocompreensão pedagógica a respeito dos fins ou das metas para educar e para bem viver. Talvez por isso ela pode auxiliar a questionar também as verdades normalmente aceitas no mundo da ciência, uma vez que nesse campo pode haver a reificação ou hipostasia do conhecimento na sua especificidade simplesmente. E isso não se resolve com a aposta em levantamentos de base estatística simplesmente, nem com a adoção de atitudes psicológicas ou de “gestão de pessoas”, mas demanda filosofar sobre um problema de certa forma oculto ou omissos na educação – o problema do arquivo.

Tendo isso em vista, a proposta se pergunta sobre a possibilidade de (re)construir elementos reflexivos para qualificar o diálogo de maneira mais efetiva, isto é, averiguando a hipótese de estabelecer relações dialógicas e propositivas ao mesmo tempo no ambiente escolar, porém informadas pelas narrativas sobre as violências ocorridas nas escolas.² Consideramos pertinente no estado atual em que nos encontramos, de uma verdadeira guerra civil não declarada em nossa sociedade, questionar se as escolas dispõem, ou poderiam dispor de subsídios reflexivos sobre as noções de violência em repositórios, reunindo narrativas sobre essas ocorrências para além das anotações das atas.

2. JUSTIFICATIVA E PLANO DO TRABALHO

O silêncio dos indicadores sobre a questão da violência na/da educação com que nos deparamos nas escolas contrasta visivelmente com o contexto

² Os objetivos do programa que se detalha a seguir ganharão sentido e materialidade em vários projetos de investigação de Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado e Pós-Doutorado no Programa de Pós-graduação em Educação da UFPB, bem como com uma ramificação no Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade de Caxias do Sul – UCS/RS, no qual trabalhamos como docente colaborador.

REDE INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS SOBRE A VIOLÊNCIA CONSÓRCIO INTERINSTITUCIONAL EM ESTUDOS SOBRE A VIOLÊNCIAS

atual, uma vez que, seja na televisão, internet, telefones celulares, ou quaisquer tecnologias de informação e comunicação (TICs), não podemos fugir de contemplar cenas de violência, inclusive ocorridas em escolas. Na verdade, todo o contexto criado a partir da Primeira Grande Guerra mundial é marcado pelo fracasso da formação humanística diante da barbárie (STEINER, 1990, p. 17). A violência está onipresente em nosso cotidiano, pois estamos o tempo todo em contato com as mais diversas mídias, seja elas visuais ou auditivas.

Certamente é por isso que Richard Bernstein abre seu famoso livro *Violencia: pensar sin barandillas* dizendo: “Vivemos um tempo atormentado de escritos, discursos, e especialmente, imagens sobre a violência.” Diante desse cenário, o diagnóstico de Eric Hobsbawm de que vivemos a “era da catástrofe” não lhe parece o mais adequado. Por isso, segundo ele, “nossa época poderia muito bem ser chamada de *era da violência* porque as representações reais ou imaginárias da violência, que não poucas vezes se difundem e se confundem, são iniludíveis”. Pensar sem os apoios (*barandillas*) do nihilismo e do fundacionalismo é o de que precisamos para enfrentar, ainda segundo Bernstein, o contexto de exceção violento que nos deparamos atualmente. Termina por afirmar que, “sem dúvida, esse excesso de imagens e discursos sobre a violência embrutece e até inibe o pensamento” (2015, p. 28).

Na contramão desse excesso de violência e de embrutecimento do pensamento, de que fala o filósofo norte-americano, busco a possibilidade da troca de conhecimentos e de saberes, no diálogo mais próximo e profícuo sobre este tema que está interferindo, de maneira direta e indireta, na vida escolar, repensando-o em conexão com a dimensão das políticas de formação de professores.

No Brasil, por um lado, a violência ocorre pela falência do estado em promover políticas de igualdade social, com um mínimo de oportunidades. Fruto de tais situações, segundo o Atlas da Violência 2018, que apresenta o índice de homicídios praticados por regiões, o índice de homicídios no Brasil é

REDE INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS SOBRE A VIOLÊNCIA CONSÓRCIO INTERINSTITUCIONAL EM ESTUDOS SOBRE A VIOLÊNCIAS

30 vezes mais alto do que na Europa (CERQUEIRA, 2018). Por conta disso, os valores alocados no orçamento para a segurança pública vêm subindo assustadoramente nos últimos anos.

Em função desse descompasso, temos, hoje, uma onda ultraconservadora de tratamento do problema da violência desencadeado pelas políticas governamentais em curso, que elege os negros e moradores das periferias urbanas como os alvos de uma verdadeira operação de higienização biopolítica.³ Segundo Bueno, Marques, Pacheco e Nascimento (2019, p. 58): “Constituintes de cerca de 55% da população brasileira, os negros são 75,4% dos mortos pela polícia. Impossível negar o viés racial da violência no Brasil, a face mais evidente de uma biopolítica racista em nosso país”.

Ora, as escolas não são somente locais de aprendizagem de conteúdo, mas também, e especialmente, espaços de desenvolvimento socioemocional. Inclusive esse aspecto é salientado pela nova BNCC (Base Nacional Comum Curricular), quando refere que entre as tarefas para o ensino médio, por exemplo, compete à escola: “promover o diálogo, o entendimento e a solução não violenta de conflitos, possibilitando a manifestação de opiniões e pontos de vista diferentes, divergentes ou opostos” (BRASIL, 2017, p. 467). Na verdade, cabe à escola desenvolver esforços também no sentido da melhoria sistêmica e universal para gerar um clima de bem-estar socioemocional e acadêmico dos estudantes, bem como trabalhar na promoção de um clima seguro, cooperativo e atraente para toda a comunidade escolar. Quando a criança está sujeita a abusos ou maus-tratos, como preconceitos, racismos, *ciberbullying*, intolerâncias ou crimes de ódio, não vai ter um desempenho correto em outras áreas, como a aprendizagem cognitiva. Por isso é de preocupar que, segundo informações do Relatório da Situação Global sobre Violência Escolar e *Bullying* da Unesco, de 2015, que mede o percentual de alunos em escolas secundárias

³ Desenvolvi uma discussão que relaciona a violência na/da escola com a biopolítica no artigo: “Epistemologia da violência na educação no contexto da biopolítica contemporânea”. **Roteiro** (UNOESC), v. 43, p. 561-582, 2018.

REDE INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS SOBRE A VIOLÊNCIA CONSÓRCIO INTERINSTITUCIONAL EM ESTUDOS SOBRE A VIOLÊNCIAS

onde se relatou que o *bullying* impediu o seu aprendizado, o Brasil se encontra em 19º lugar entre todos os países do mundo com maior incidência. Eis a importância fundamental da escola como uma instituição em que se institui também a memória da violência e o seu legado histórico, pois os arquivos têm que falar para a sociedade e ser abertos à pesquisa e ao debate público, portanto. Afinal, essa concepção de violência que se confunde com o mito (BENJAMIN, 2013), quando não promove a defesa do direito, mas somente do próprio estado de direito, não esgota a questão, pois é tarefa da história nos libertar das forças míticas que aprisionam o seu acontecer.

3. FORMAÇÃO

A minha formação básica é no campo da filosofia, tendo feito graduação e mestrado nessa área do conhecimento; somente no doutorado fui ingressar nos estudos da educação propriamente dita. Nesse percurso, realizei um estudo de pós-graduação em nível de especialização em história, que também contribuiu para o desenvolvimento das minhas atividades na universidade. No entanto, após a conclusão do mestrado, quando ainda trabalhava no sistema público de ensino estadual do Rio Grande do Sul, ao ocupar o cargo de diretor de uma escola de ensino fundamental e médio, acabei tendo contato mais de perto com a problemática escolar, como a violência. Daí em diante fui percebendo que não poderia mais deixar de contribuir com todos os meus esforços para a superação dos graves problemas que assolam o país nessa área. Foi então que decidi, em 1996, ingressar no Programa de Pós-Graduação em Educação, em nível de Doutorado, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, a fim de aprofundar os meus conhecimentos nesse campo.

Durante o curso do doutorado fui aprovado em concurso público como professor efetivo da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, na área de Política e Gestão da Educação (1998). A partir do término do curso de doutorado, no início dos anos de 2000 encaminhei um projeto de pesquisa para

REDE INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS SOBRE A VIOLÊNCIA CONSÓRCIO INTERINSTITUCIONAL EM ESTUDOS SOBRE A VIOLÊNCIAS

o CNPq, tendo sido contemplado com Bolsa Produtividade em Pesquisa (PQ-2), estando até hoje atuando na universidade na interação entre ensino, pesquisa e extensão.

Desde então, tive aprovação de 7 projetos de bolsa Produtividade em Pesquisa (PQ – CNPq, sendo, por último, aprovação de projeto de bolsa Produtividade em Pesquisa (PQ-1C) – CNPq ; Aprovação de 3 projetos pelo Edital Universal – CNPq (estando 1 projeto em andamento); Aprovação de 1 projeto pelo Edital Ciências Sociais e Humanas – CNPq; Produção de 81 artigos em revistas científicas, além de 3 artigos no prelo; 4 livros de autoria própria publicados e 17 livros organizados; 66 capítulos de livros e 114 trabalhos completos apresentados em eventos. Destaco, nesse sentido, a apresentação de 22 artigos completos e 1 minicurso nos eventos da ANPED Nacional e ANPEd Sul, reconhecidamente entre os maiores eventos na área de educação do Brasil. Por último, destaco a orientação concluída de 57 alunos de iniciação científica, 24 orientações de mestrado, 16 de doutorado e de 2 pós-doutorado, além de orientações em curso, sendo 3 alunos de iniciação científica, 8 alunos de doutorado e 1 pós-doutorando.

A partir dessa experiência acumulada, posso dizer que a função da filosofia na educação não é prescritiva e, sim, orientadora do processo ensino e aprendizagem. Ela tem a ver com a capacidade de indicar/sugerir horizontes a atingir/ percorrer no sentido disruptivo, em relação aos preceitos meramente instrumentais do conhecimento. Acredito que a função da filosofia da educação se complementa com a política educacional no processo pedagógico ao elucidar supostos políticos, ideológicos e culturais, para auxiliar no autoesclarecimento pedagógico de educandos e educadores. Nesse sentido, percebi que os estudos sobre a violência têm mais vigor e debates em outras áreas, tais como a psicologia, referindo-se ao comportamento humano e seus processos mentais, e a sociologia, no que se refere à conduta humana em

REDE INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS SOBRE A VIOLÊNCIA CONSÓRCIO INTERINSTITUCIONAL EM ESTUDOS SOBRE A VIOLÊNCIAS

função do meio e os processos que interligam os indivíduos em grupos, associações e instituições sociais.

Caberia, portanto, um aprofundamento filosófico da relação entre crise de autoridade, arquivo e violência nas escolas, uma vez que, segundo Aquino (1998) existem duas abordagens predominam nesse aspecto no campo da educação: uma de cunho nitidamente sociologizante, e outra de matiz mais clínico-psicologizante. Na relação filosofia da educação emergiu, recentemente, um diálogo mais incisivo sobre a violência e suas manifestações, geralmente associado a termos como barbárie, biopolítica, poder, cuidado de si, ideologia, entre outros. No entanto, existem muitas lacunas na ampliação desse diálogo da filosofia da educação com as políticas educacionais, especialmente relacionados à discussão da biopolítica.

No que concerne a relação entre inovação e educação, o plano de trabalho está baseado em três alicerces principais: inovação de conceitos-chave, formação de redes e uso de TICs. O plano de trabalho prevê a inovação em todas essas bases, sendo a principal delas conceitual, mas não estando limitado a esse eixo. Traz inovação também ao estabelecer redes de produção e compartilhamento de conhecimento entre diferentes instituições/países, através de parcerias já realizadas e novas que possam ser estabelecidas ao longo da execução desse plano. O uso de TICs é essencial na formação e manutenção dessa rede, além de ser peça-chave na difusão do conhecimento oriundo da pesquisa. Inclusive, um dos temas abordados em alguns de meus estudos é a expressão da violência em redes sociais (SILVEIRA-NUNES; TREVISAN, 2018), assunto bastante pertinente no contexto atual. Finalmente, a maior inovação está na contribuição com o fundamento conceitual das investigações em educação, ao propor nova perspectiva de investigação sobre o tema da violência na educação, trazendo novas interpretações de textos importantes da filosofia, especialmente o estudo do artigo de Benjamin (2013) sobre a violência e suas implicações,

REDE INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS SOBRE A VIOLÊNCIA CONSÓRCIO INTERINSTITUCIONAL EM ESTUDOS SOBRE A VIOLÊNCIAS

particularmente quando associamos a ele o tema da biopolítica no contexto atual do ressurgimento da barbárie a nível mundial (CHARLOT, 2020). Defendo, além disso, uma compreensão do papel da educação e da pesquisa neste caso, que sugere a adoção de medidas participativas e a implicação dos sujeitos pesquisados com o objeto temático.

4. EXEQUIBILIDADE DO PLANO DE TRABALHO CONSIDERANDO AS CONDIÇÕES DA UFPB

Em função da minha experiência acadêmica, sinto-me em condições de dialogar com outras experiências acadêmicas, no caso, a experiência da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Pude conhecer um pouco mais da exitosa trajetória acadêmica desta universidade ao participar, apresentando trabalho no **I Simpósio Internacional Jürgen Habermas**, ocorrido na UFPB no período de 23 a 26 de novembro de 2021, com o tema central: “Ações coletivas globais e mundos da vida locais em diálogo”. E assim, soube da existência da **Rede Interdisciplinar de Estudos sobre Violências – RIEV** (www.ufpb.br/riev), coordenada pela professora Edna Gusmão de Góes Brennand (UFPB), a qual também foi coordenadora do seminário sobre Habermas.

Também levo em consideração o Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI/UFPB 2019-2023 quando propõe, nas metas da área de Gestão Acadêmica, ampliar significativamente as interações de publicações, contatos e convênios com outros países, contribuindo com a internacionalização da universidade. Além disso, na relação da UFPB com a Sociedade, aumentar em 100% a oferta de cursos de capacitação para professores da rede pública e, ainda, ampliar em 30% a oferta de ações extensionistas direcionadas às escolas públicas e as minorias sociais.

Quanto à pertinência e impacto do plano de trabalho, a partir da experiência acumulada como professor e pesquisador do CNPq e do meu

REDE INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS SOBRE A VIOLÊNCIA CONSÓRCIO INTERINSTITUCIONAL EM ESTUDOS SOBRE A VIOLÊNCIAS

PPGE, por meio de meus contatos e convênios já realizados entre a UFSM com universidades espanholas e latino-americanas, espero, com este plano de trabalho, contribuir para intensificar a pesquisa, o ensino e a extensão universitária nos aspectos relacionados à metodologia da pesquisa, à internacionalização, à interdisciplinaridade e o incremento das visões ética e estética de ser humano e mundo nos cursos de graduação e pós-graduação da UFPB. Além disso, procurarei incentivar a intensificação de intercâmbios, parcerias e convênios, especialmente com pesquisadores da Universidade Carlos III (UC3M), Universidade Autônoma de Madrid (UAM) e Universidade de Barcelona (UB), Espanha a partir das experiências de convênios já realizados.

Entre os resultados esperados, ou as contribuições do plano de trabalho, estas poderão se dar por meio do já firmado compromisso para aprovação e desenvolvimento dos dois projetos de pesquisa em curso, junto ao CNPq, já referenciados, ou seja: revisitar o pensamento pedagógico brasileiro, questionando a ideia de arquivo da violência como algo ultrapassado e transcendido pela metáfora prometeica do progresso; gravação de um documentário educativo sobre a violência escolar, realizar dois eventos acadêmicos já consolidados voltados a esta discussão; ofertar 2 seminários para alunos de Graduação e Pós-Graduação do Programa de Pós-Graduação em Educação, entre outras iniciativas, colaborando, assim, para a pesquisa e a internacionalização do PPGEs envolvidos e, mais especificamente, para a não reprodução da violência na sociedade por mecanismos de repressão, e para debelar ou distender os conflitos segundo mediações dialogadas e esclarecidas.

Desse modo, proponho as seguintes atividades para serem desenvolvidas no plano de trabalho no período compreendido entre 2022/02 e 2025/01, quando encerram os projetos de pesquisa já mencionados, financiados pelo CNPq.

REDE INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS SOBRE A VIOLÊNCIA CONSÓRCIO INTERINSTITUCIONAL EM ESTUDOS SOBRE A VIOLÊNCIAS

5. ATIVIDADES A SEREM REALIZADAS

Ensino (Graduação, Pós- Graduação, orientação acadêmica) (2022/02 a 2025/1).

- Oferta de disciplinas na Graduação e Pós-Graduação, aliando pesquisa, ensino e extensão (2022/02 a 2025/1);
- Oferta de 2 seminários sobre o tema da violência escolar para alunos de Graduação e Pós-Graduação do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado e demais interessados;
- Orientação de 2 pesquisas de iniciação científica, 2 dissertações de mestrado e 1 tese de doutorado na discussão do tema (2023/01 e 2025/1);
- Visita às salas de aula dos Cursos de Pedagogia e de duas escolas públicas, com o intuito de divulgar a proposta, bem como difundir os dados do referencial teórico da proposta (2023/01);
- Gerar uma pequena amostra de dados in loco sobre o tema da violência escolar a partir das entrevistas produzidas com estudantes do curso de Pedagogia – (2023/02).

Ensino (Graduação, Pós- Graduação, orientação acadêmica) (2022/02 a 2025/1).

- Oferta de disciplinas na Graduação e Pós-Graduação, aliando pesquisa, ensino e extensão (2022/02 a 2025/1);
- Oferta de 2 seminários sobre o tema da violência escolar para alunos de Graduação e Pós-Graduação do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado e demais interessados;
- Orientação de 2 pesquisas de iniciação científica, 2 dissertações de mestrado e 1 tese de doutorado na discussão do tema (2023/01 e 2025/1);
- Visita às salas de aula dos Cursos de Pedagogia e de duas escolas públicas, com o intuito de divulgar a proposta, bem como difundir os dados do referencial teórico da proposta (2023/01);
- Gerar uma pequena amostra de dados in loco sobre o tema da violência escolar a partir das entrevistas produzidas com estudantes do curso de Pedagogia – (2023/02).

Pesquisa (2022/02 a 2025/1)

REDE INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS SOBRE A VIOLÊNCIA CONSÓRCIO INTERINSTITUCIONAL EM ESTUDOS SOBRE A VIOLÊNCIAS

- Desenvolvimento de 2 projetos de pesquisa aprovados no CNPq, referenciados: “Arquivos da violência na educação: desafios para a relação entre violência, memória e linguagem”, contemplado na Chamada CNPq N° 09/2020 - Bolsas de Produtividade em Pesquisa - PQ – 1C, Processo n° 306987/2020-1, com tempo de vigência previsto de 01/03/2021 a 28/02/2025; e "Teorias da violência na educação: formação de professores para atuar em situações de conflito", contemplado na Chamada MCTIC/CNPq n° 28/2018 – Universal/Faixa C, Processo CNPq n° 425947/2018-1, com tempo de execução previsto de 18/02/2019 a 17/02/2025 (prorrogado pelo CNPq em função da pandemia da COVID-19) (2022/02 a 2025/1).

Obs.: Os projetos acima se originaram pela crescente demanda trazida pelos educadores sobre o tema da violência nas escolas e seu entorno, temática que vem ganhando cada vez mais visibilidade e atenção da parte dos profissionais que atuam nas escolas, bem como dos teóricos de diferentes áreas que estudam a questão. Em função da parceria com o Prof. Dr. Jordi Garcia Ferrero, da Universidade de Barcelona – UB, dos contatos e convênios já estabelecidos com a Universidade Carlos III de Madrid – UC3M, Universidade Autônoma de Madrid – UAM, coordenado pelo prof. Dr. Amarildo Luiz Trevisan, e pelo prof. Dr. Antonio Gómez Ramos, na UC3M, e prof. Dr. Joaquin Paredes, na UAM, os projetos preveem intercâmbios mútuos para a sua implementação. Estão previstas missões de intercâmbio no período de execução do projeto da equipe proponente na Espanha e vice-versa. Assim, continuarei a efetuar estudos para traçar um pano de fundo sobre a questão da violência nas escolas, a partir de dados obtidos através de pesquisas comparativas entre Brasil e Espanha. Esse objetivo visa também ao aprofundamento dos contatos de intercâmbios, parcerias e convênios com pesquisadores da Universidade de Barcelona (UB), Universidade Carlos III (UC3M) e Universidade Autônoma de Madrid (UAM), buscando também a internacionalização dos PPGEs envolvidos.

Haverá ainda a participação do PPGE/UFSM, da URI – campus Santiago/RS, do IFFARROUPILHA – campus de Santo Augusto/RS e do PPGE/UCS – Caxias do Sul/RS. E, ainda, estão previstas atividades no sentido do projeto em eventos, minicursos, oficinas e bancas de graduação e pós-graduação nas instituições proponente e colaboradoras.

Extensão (2023/01 a 2024/2).

- Desenvolver o projeto de extensão “GPFORMA (Grupo de Pesquisa Formação Cultural, Hermenêutica e Educação) na Escola trabalhando

REDE INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS SOBRE A VIOLÊNCIA CONSÓRCIO INTERINSTITUCIONAL EM ESTUDOS SOBRE A VIOLÊNCIAS

pela não violência”, que é um subprojeto dos projetos de pesquisa apresentados acima, o qual visa compreender as situações de conflitos que permeiam as relações intersubjetivas e pedagógicas entre alunos, professores e servidores de duas escolas públicas da cidade de João Pessoa/PB. O projeto busca aportes para auxiliar na melhoria da resiliência, empatia e a não violência na atuação de estudantes e professores mediante o desenvolvimento de ações pedagógicas por meio de Rodas de Conversas sobre temas como Tolerância, Violência, Redes Sociais, Mediação de Conflitos, entre outros. Serão promovidas oficinas pedagógicas, minicurso e/ou sessões de arte, cinema e teatro de acordo com as demandas apresentadas (2022/02 a 2025/1).

Obs.: Essa atividade se desenvolverá por intermédio da participação de nosso grupo de pesquisa Formação Cultural, Hermenêutica e Educação – GPFORMA – UFSM/CNPq, que atua há cerca de 20 anos em intensa colaboração e interação, através de projetos de pesquisa e extensão com a escola básica.

Produção científica (preparação e/ou publicação de pelo menos 2 artigos Qualis A1 ou A2, e 2 capítulos de livro por ano, e de um livro autoral ou organizado (2022/02 a 2025/1).

- Elaboração de 4 textos na forma de artigos, capítulos de livros por ano-publicados ou no prelo – versando sobre a articulação memória, violência e linguagem;
- - Organização de 1 livro com as narrativas das experiências realizadas a partir das oficinas do projeto de extensão;
 - Realização de 2 eventos VII SENAFE e III SEINFE – Seminário Nacional e Internacional de Filosofia e Educação: Confluências, e do VIII Colóquio Formação de Professores: Novas Teorias – Novas Práticas? reunindo diversos pesquisadores interessados em debater a temática dos projetos (2023/1 e 2023/2);
- - Gravação de 1 documentário educativo sobre violência escolar numa perspectiva dialógica, como tecnologia estratégica para contribuir na diminuição dos índices de violência na escola e na sociedade (2023/2);
 - Aprofundamento dos contatos de intercâmbios, parcerias e convênios com pesquisadores da Universidade Carlos III (UC3M), Universidade Autónoma de Madrid (UAM) e Universidade de Barcelona (UB), Espanha, buscando também a internacionalização da pós-graduação (2022/02 a 2025/1);

REDE INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS SOBRE A VIOLÊNCIA CONSÓRCIO INTERINSTITUCIONAL EM ESTUDOS SOBRE A VIOLÊNCIAS

Obs.: Os eventos representam a possibilidade de troca de conhecimento e enriquecimento de saberes, no diálogo mais próximo e profícuo entre conferencistas e participantes, observando possíveis contribuições normativas e expressivas da filosofia da educação e de seu compromisso em pensar criticamente a atualidade, a partir de conceitos oriundos da relação entre os conceitos de escola, violência, biopolítica, ética e estética.

Por intermédio deste plano de trabalho, busco estender o diálogo sobre esse tema com outras instituições brasileiras (incluindo a UFPB), latino-americanas e europeias através de nossas relações constituídas através dos seguintes grupos, associações e redes de pesquisa de que participo:

Grupos de Pesquisa:

- Grupo de Pesquisa Formação Cultural, Hermenêutica e Educação - UFSM/CNPq;
- Grupo de Pesquisa Racionalidade e Formação – UFRGS/CNPq;
- Grupo de Pesquisa Internacional "PFC - Grupo de Investigación, Pedagogía, Formación y Conciencia", sediado na Universidade Autónoma de Madri – UAM/Espanha.

Redes de Pesquisa:

- Programa de Políticas Educativas/NEPI/AUGM – Associação de Universidades do Grupo Montevideu;
- GT Universidades e Políticas de Educação Superior da Rede CLACSO - Conselho Latino-americano de Ciências Sociais;
- GT Filosofia da Educação da ANPEd;
- Sociedade Brasileira de Filosofia da Educação – SOFIE;
- Asociación Latino-americana de Filosofía de la Educación – ALFE.

Referências:

AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. Homo Sacer II, I. 3ª ed. Buenos Aires: Adriana Hidalgo editora, 2007.

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer**: o poder soberano e a vida nua. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

**REDE INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS SOBRE A VIOLÊNCIA
CONSÓRCIO INTERINSTITUCIONAL EM ESTUDOS SOBRE A VIOLÊNCIAS**

AQUINO, Júlio Groppa. A violência escolar e a crise da autoridade docente. **Cadernos Cedes**, ano XIX, nº 47, dezembro/98, p. 7-19.

BENJAMIN, Walter. Para uma crítica da violência. In.: **Escritos sobre mito e linguagem**. São Paulo: Duas Cidades, 2013, p. 121-156.

BERNSTEIN, Richard. J. **Freud e o legado de Moisés**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

BERNSTEIN, Richard. **Violencia: pensar sin barandillas**. Barcelona: Ed. Gedisa, 2015.

BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. CONSELHO PLENO. **Resolução CNE/CP nº 2, de 22 de dezembro de 2017**. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versa_ofinal_site.pdf Acesso: 30/04/2020.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)**. Lei 8069 de 13/07/90. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm. Acesso: 21/05/ 2020.

BUENO, Tamira; MARQUES, David; PACHECO, Denis e NASCIMENTO, Talita. Análise da letalidade policial no Brasil. In.: **Anuário Brasileiro da Segurança Pública 2019**. Disponível em: http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/10/Anuario-2019-FINAL_21.10.19.pdf Acesso: 07/12/2019.

CERQUEIRA, Daniel (Coord.). **Atlas da violência 2018**. Rio de Janeiro, IPEA e FSBSP, jun. 2018. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf Acesso: 06/12/2019.

CHARLOT, Bernard. A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área do saber. **Revista Brasileira de Educação**. V. 11, N. 31, jan./abr. 2006.

CHARLOT, Bernard. **Educação ou barbárie?** Uma escola para a sociedade contemporânea. São Paulo: Cortez, 2020.

CHARLOT, Bernard. Violência na escola: como os sociólogos franceses tem abordado essa questão. **Interfaces**. Sociologias. Porto Alegre, Ano 4, Nº 8, jun/dez, 2002, p. 432-443.

DEVECHI, Catia Piccolo; TREVISAN, Amarildo. Abordagens na formação de professores: uma reconstrução aproximativa do campo conceitual. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, 2011, p. 409-426.

REDE INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS SOBRE A VIOLÊNCIA CONSÓRCIO INTERINSTITUCIONAL EM ESTUDOS SOBRE A VIOLÊNCIAS

DEVECHI, Catia Piccolo; TREVISAN, Amarildo. Sobre a proximidade do senso comum das pesquisas qualitativas em educação: positividade ou simples decadência? **Revista Brasileira de Educação**, abr. 2010, vol.15, no. 43, p.148-161.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2016**. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/storage/10_anuario_site_18-11-2016-retificado.pdf>. Acesso em: 14 maio 2017.

GOMES, L. F. **Brasil: campeão mundial de violência contra professores**. 2015. Recuperado em 16 de janeiro de 2019, de <https://professorlfg.jusbrasil.com.br/artigos/136798228/brasil-campeao-mundial-na-violencia-contra-professores>. Acesso: 16/02/2018.

MÁRQUEZ, Gabriel García. Algo mais sobre literatura e realidade. In.: **Crônicas**. Obra jornalística 5 – 1961 – 1984. Rio de Janeiro – São Paulo: Ed. Record, 2006.

NEGAÇÃO. Direção de Mick Jackson. Drama/história. Inglaterra: Sony Pictures, 9 mar 2017 (1h50min).

OLIVEIRA, E. “**Bullying, indisciplina e solidão: o clima nas escolas brasileiras revelado pelo Pisa 2018**”, disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/12/04/bullying-indisciplina-e-solidao-o-clima-nas-escolas-brasileiras-reveladas-pelo-pisa-2018.ghtml>. Acesso: 04/12/2019.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E.P. (Org.). **Gestos de leitura**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, P. (Org.). **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999.

RATUSNIAK, Célia. O 'livro negro' como prática de disciplinamento e governo da infância 2238-9229. In: **IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul - A Pós-Graduação e sua Interlocução com a educação básica**. ANPEd Sul, 2012. Caxias do Sul - RS.

SALINGER, J. D. **O apanhador no campo de centeio**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 2017.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2008.

SILVEIRA-NUNES, Bibiana; TREVISAN, Amarildo Luiz. Violência por intolerância no meio digital: primeira aproximação ao tema. In: ROSA, Geraldo

**REDE INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS SOBRE A VIOLÊNCIA
CONSÓRCIO INTERINSTITUCIONAL EM ESTUDOS SOBRE A VIOLÊNCIAS**

Antônio da [et al] (orgs.). **Educação e emancipação no pensamento latino-americano**. Caxias do Sul: EDUCS, 2018, p. 193-212.

STEINER, George. **Extraterritorial**. A literatura e a revolução da linguagem. Trad. Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

TREVISAN, Amarildo Luiz. Epistemologia da violência na educação no contexto da biopolítica contemporânea. **ROTEIRO (UNOESC)**, v. 43, p. 561-582, 2018.

TREVISAN, Amarildo Luiz. **Filosofia da educação: mimesis e razão comunicativa**. Ijuí, RS: Ed. da UNIJUÍ, 2000.

TREVISAN, Amarildo Luiz. O amor ao saber em tempos de *hamartia*. **Roteiro**, Joaçaba – UNOESC, v. 39, p. 49-70, 2014.

TREVISAN, Amarildo Luiz. Teorias da educação: a violência entre meios e fins. In.: TREVISAN, A. L.; TOMAZETTI, E. M.; ROSSATTO, N. D. **Filosofia e educação: ética, biopolítica e barbárie**. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2017, p. 63-81.

TREVISAN, Amarildo Luiz.; ROSA, A. G. Biopolítica, formação cultural e educação. In: DALBOSCO, Claudio A.; PAGNI, Pedro A.; GALLO, Sílvio (org.). **Filosofia da Educação como Práxis Humana: Homenagem a Antônio Joaquim Severino**. 1. ed. 1 v. São Paulo: Cortez Editora, 2016, p. 265-282.

TREVISAN, Amarildo Luiz.; ROSA, A. G. Indústria Cultural, Biopolítica e Educação. **Revista Pro-Posições (UNICAMP. Impresso)**, v. 29, p. 423-442, 2018.